

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros, 28500 réis; Semestre ou 26 numeros, 14250 rs.; trimestre ou 13 numeros 7000 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 2 DE ABRIL DE 1882 — N.º 6 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

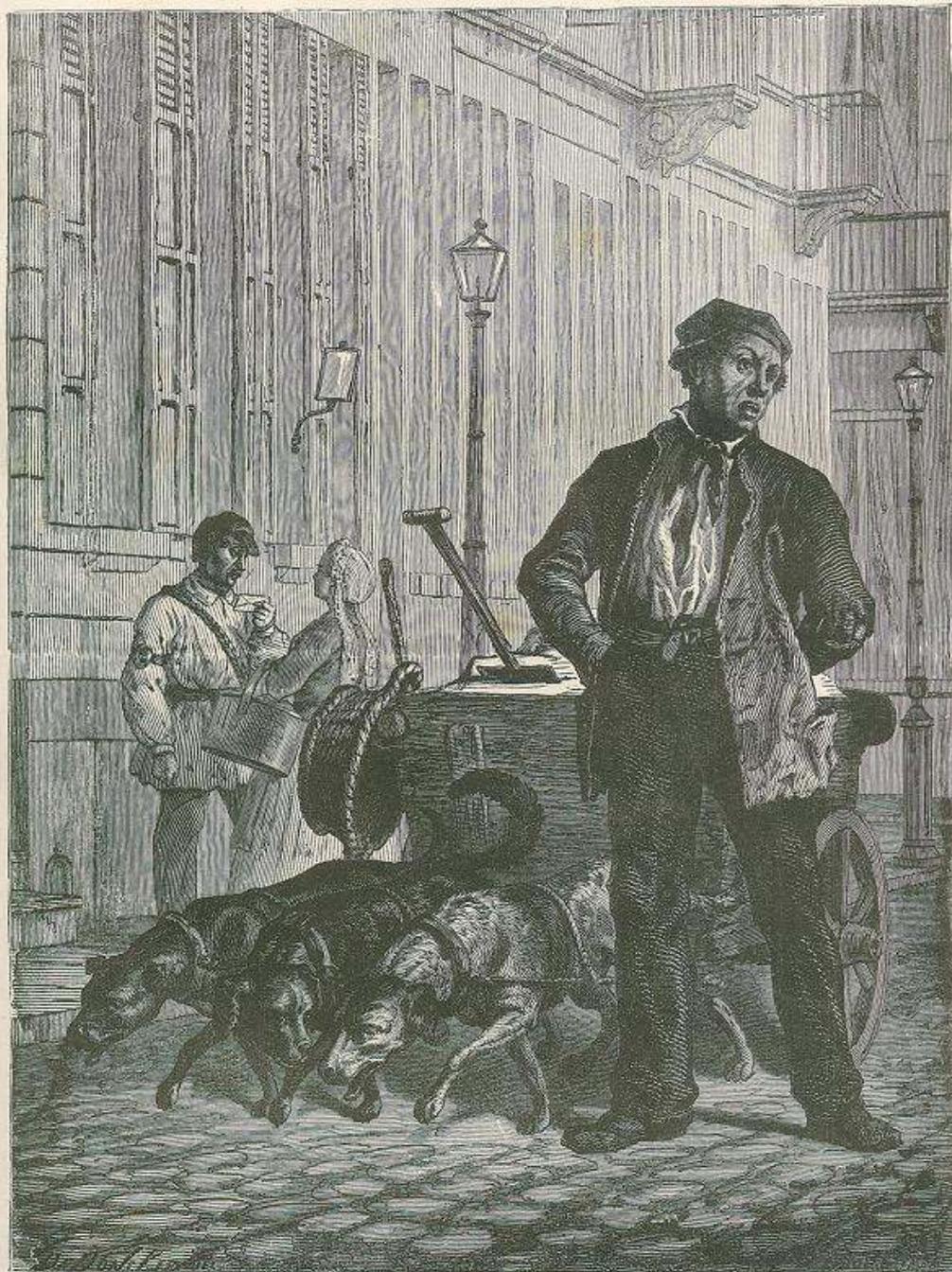
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 75000 réis; semestre ou 26 numeros, 42000 rs.; trimestre ou 13 numeros 22000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.



O VENDEDOR DE AREIA

SUMMARIO

GRAVURAS:—O vendedor de areia; Um bom conselho; Balduino de Flandres na tomada de Constantinopla; O rochedo de Héron.

TEXTO:—Actualidades, por Mané; As nossas gravuras, por P. C.; Leituras sobre a antiguidade e arte classicas, por Augusto Fuschini; Rosicler, por Cypriano Jardim; O nosso brinde, por P. C.; Horas d'ocio; A senhora de Niort, por Quatrelles; Domingo historico, por A. O.

ACTUALIDADES

É melhor pôr hoje de parte o velho habito de todos os chronistas antigos procurando n'um artigo só dar uma ideia, a largos traços, de tudo que houve de mais saliente e de mais pittoresco na semana. Ponhâmos hoje de parte esse systema. Sigâmos um outro.

Vamos abrir a nossa carteira de noticiarista; vamos retocar todos esses apontamentos tomados a correr, entre o beef e o café do almoço, e vejâmos se com elles poderei dar-lhes uma chronica do que se passou desde a quinta feira em que *Pharés* escreveu até a quinta feira em que hoje lhes escrevo.

Abrâmos, pois, a nossa carteira, onde dia a dia o nosso lapis desenha caracteres confusos, phrases sem nexos, mas que recordam um ou outro facto que sob a influencia do meu espirito se não illuminará e se não colorirá certamente dos mais bellos tons, mas que tem pelo menos um vago encanto de cousa inteiramente nova, que passou despercebida e que não será de todo mau recordar agora.

Abrâmos, pois, a carteira:

Quinta feira 23 de março.—N'este dia, a imprensa de Lisboa encarrega-se de nos dar uma noticia que á primeira vista parece simples e insignificante, mas que necessita ser largamente commentada, profundamente saboreada, com tanto recolhimento, como se saboreassemos o fino aroma d'um havano purissimo.

Saboreiem!

«Dois policias foram mandados gratificar com uma libra cada um, por terem descoberto quem foram os individuos que insultaram o Nuncio quando este en-
«trava para casa.»

E então? que me dizem á rica policia? Nada mais natural, não é verdade?...

Ah! mas se a isto ainda se pôde chamar natural, o mesmo não poderemos chamar ás futuras gratificações que já antevejo no horizonte... da travessa da Parreirinha.

Ha dias a policia recebeu seis dias de gratificação pelo serviço que fez durante a estada em Lisboa dos reis hespanhoes. Hoje recebeu uma libra por ter descoberto quaes os sujeitos que de dia, em tal rua, diante de gente, insultaram o Nuncio.

Ámanhã o sr. governador civil aproxima-se d'um seu agente, deseja saber se elle é esperto, e interroga-o:

— O 73 da 4.^a. Quem era o pae dos filhos de Zebedeu? Vê lá bem, 73... Não te atrapalhes!

— O pae dos filhos de Zebedeu...! de Zebedeu?... era Zebedeu!

— Bravo! que acertou! Ora aqui tem uma gratificação de duas libras!...

Sexta feira 24 de março.—Bragança, a bôa Bragança previne a patria de que resolve solemnizar o centenario do marquez de Pombal, no dia 8 do proximo mez de maio. Para este fim Bragança pensa realisar uma recita de gala, um sarau litterario, publicar um folheto com a vida do estadista... e entre outras cousas que tenciona fazer para mostrar todo o

seu entusiasmo e toda a sua admiração pelo homem, resolve:

«Realisar no dia 8 de maio um grande *meeting* para «pedir aos poderes superiores o caminho de ferro de «Traz os Montes.»

É curiosa a relação que ha entre esta resolução de Bragança e a resolução de Bêbê.

Bêbê entra em caça, os livros a cahirem, muito contente, aos pulos.

— Que alegria é essa?

— É cá uma coisa, mamã... No meu collegio vão fazer o centenario e eu quero tambem festejar esse dia.

— E que pensas tu fazer?!

— Quero pedir ao papá que me compre um velocipede para andar sempre de carro pelo jardim!

— !!!

*. Calino anda bastante preocupado com a questão do centenario. Receia-se até que elle venha a endoidecer. Pobre Calino!

Agora anda immensamente afflicto porque ainda não pode responder a esta pergunta que lhe cahiu no espirito, como que para lhe dar cabo da razão:

— Porque diabo escolheram os academicos o dia 8 de maio para a celebração do centenario?

Porque diabo seria?!...

Sabbado 25 de março.—O *Diario da Manhã* déra em tempo noticia do caso de envenenamento d'umas seis pessoas que iam comer á calçada do Carmo e que beberam vinho adulterado vendido «por uma taberna das proximidades.» A taberna era na propria calçada.

Um taberneiro da calçada do Duque protesta nas columnas do referido *Diario* contra semelhante noticia, pois que os freguezes lhe fogem e elle não quer estar nas proximidades da calçada do Carmo!

A questão como se vê é melindrosa. Se o argumento toma vida, ámanhã o sr. Burnay embirra com a praça de Luiz de Camões e vem para a imprensa declarar que a *Casa Havana* não está nas proximidades do Loreto!

Desde o momento que um negociante da calçada do Duque não quer, nem á força, ser visinho da calçada do Carmo, esse negociante só tem a fazer uma cousa: ou dar um tiro em si — ou procurar casas no dia 25!

Quem não quer estar nas proximidades — muda-se! É o melhor remedio...

Domingo 26 de março.—Manhã serena. Sol tepido. Azul lavado. *Char-à-bancs* a seis vintens para a Perna de Pau. Operarios endomingados para as horas. Peixe frito e coelho guisado sob as perreiras sem folhas e sem sombras. Entram as portas algumas centenas de litros de vinho sem pagar direitos. De tarde o vento refresca. Erguem-se ao ar, como velhos phantasmas de magica, ondas de poeira dos macadams. A noute chega. O ar está frio. O vinho sobe. Os ebrios questionam. Varias bofetadas retinam pela atmosphera. «Ó da guarda! Ó da guarda!» Accede a policia. Apitos! apitos! Reune-se muito povo. Prisões. Casa da guarda. Tumulto. Na penumbra brilham chanfalhos. «Pouca vergonha! a bater no homem!» Indignação geral. «Morra a policia, morra!» Sae a infantaria, sae a cavallaria, sae o estado maior, sae caçadores 5, sae infantaria 7. Muita pancada! Serenam os animos...

Segunda feira 27 de março.—Ajuntamento á porta da Boa-Hora. «Lá vem o preso! o preso!» O coelho guisado e o vinho de ha muito que serenaram... Vae á presença do juiz. É interrogado, é obrigado a jurar, é obrigado a aturar os escrivães,

e mais os escreventes, e mais os continuos... E lá se vae um dinheirão para a fiança — por causa do coelho guisado e mais do peixe frito, sob as tristes perreiras sem folhas e sem sombras!

Terça feira 28 de março.—Dizem da Galliza que um tribunal d'aquella provincia decidiu que a traducção da *Nana*, de Zola, fosse prohibida e considerada como crime de ultrage á moral publica.

Sempre me quiz parecer que a Galliza ainda havia de dar alguma cousa mais do que gallegos. Levou seu tempo, mas deu! E não é lá qualquer cousa! Logo uma opinião e uma resolução fulminante sobre uma escola litteraria.

Para que estava guardado o naturalismo! Até Tay, até S. Thiago de Compostella o desanca, ao pobre naturalismo! Quem diria a Zola que da patria do barril ainda havia de cair uma opinião fatal sobre a sua obra. Os barris a protestarem contra a *Nana*!...

Vae ser lido Florian no Chafariz de Dentro!

Quarta feira 29 de março.—Toda a capital espera ansiosamente que sôem as 8 horas para ir ouvir a *Beatriz*.

Aproxima-se esse terrivel momento. Ouve-se a symphonia; sobe o panno. O sr. Polla devia cantar muito melhor do que o sr. Kaschmann, e ainda muito melhor do que o sr. Bulterini. A dama, atacada d'uma furiosa dôr de dentes, manda a garganta ao Vitry e fica em scena com os queixaes careados.

Um fiasco medonho.

Quinta feira 30 de março.—É o assumpto do dia a *Beatriz* de S. Carlos. Nas praças de touros ha mais silencio em tarde de tourada, do que houve na noute de quarta feira na sala do theatro lyrico.

Varios criticos dão tratos ao espirito em busca de opiniões. E na sua afflicção chegam a duvidar se effeticamente o *Larousse* não dirá alguma cousa ácerca da obra do sr. Guimarães. Se o *Larousse* tivesse dado meia opinião, pelo menos!...

Tambem se falla muito no sr. Brito.

Oh! n'insultez jamais... ua Britô qui tombe!

MANÉ.

AS NOSSAS GRAVURAS

O vendedor de areia

O typo, que a nossa gravura representa, é um ornamento das ruas de Bruxellas — é o vendedor de areia. Nem faz parte da Sociedade protectora dos animaes, nem de uma sociedade qualquer de temperança, se existisse na Belgica, não se recommenda tambem nem pela sua polidez, nem pela sua actividade. Para que? Exerce o melhor e o mais facil dos commercios, porque a mercadoria que vende não lhe custa senão o trabalho de a ir buscar a qualquer escarpa arenosa, que um desaterro ponha a descoberto; os seus instrumentos de trabalho consistem apenas n'umas taboas postas em cima de duas rodas, uma enclhada, um cesto, um ou uns poucos de cães que trazem cordas por tirantes, e que são sustentados a maior parte das vezes pela commiserção publica, porque elle não os presentia senão com uma sobremeza de pontapés.

Toda a sua occupação consiste em percorrer preguiçosamente as ruas da cidade ao lado dos seus cães, em soltar de quando em quando alguns gritos discordantes com o pretexto de apregoar a sua mercadoria, e em parar mais vezes á porta das tavernas do que á porta dos compradores; por isso acontece ás vezes que, á medida que a carreta se despeja, o vendedor de areia faz exactamente o contrario, e, quando che-

ga a noite, vai para casa com a bolsa tão ligeira como pela manhã saiu. Isto constitue a excepção; ha muitos industriaes d'este genero que ganham modestamente a sua vida e que até realisam economias. Comtudo ainda não constou que algum vendedor de arcaia chegasse a millionario.

Um bom conselho

O quadro é de Madou, e constitue um delicioso quadro de genero. Evidentemente o joven aldeão offereceu ao velhote esse copo de vinho para que elle em troca lhe dê os thesouros do seu juizo e da sua experiencia. O caso não é grave, anda por alli questão de namorico.

O rapaz escuta attento, o velho conta alguma historia do seu tempo, em que houve situação semelhante. A scena é simples e não se presta a largos commentarios. Tudo está no talento com que o pintor soube dar uns toques singelos e expressivos ás duas physionomias, com que soube reproduzir os accessorios modestos do scenario em que o dialogo se trava.

Balduino de Flandres na tomada de Constantinopla

Quando se realisou a cruzada que levou os christãos do occidente á conquista de Constantinopla, já se apagára quasi completamente nos espiritos o fogo do primeiro enthusiasmo, que arrojára as turbas de Pedro o Eremita á conquista da Terra Santa. Comtudo no fim do seculo XII acabára de se sentar na cadeira de S. Pedro um energico pontifice que ia recusar as tradições dominadoras de Gregorio VII, e curvar debaixo do jugo espiritual as altivas cabeças dos monarchas. Esse papa era Innocencio III. Quiz elle prégár a cruzada e arrojar de novo a Europa sobre o oriente. Não tiveram effeito as suas instancias, mas appareceu-lhe um maravilhoso auxiliar n'um simples padre que tinha, como Pedro o Eremita, a eloquencia popular e apaixonada e que soube despertar com os seus sermões inflammados o espirito religioso no fundo de todas as almas. O fogo das cruzadas reacendeu-se no animo dos fidalgos e do povo, não se communicou aos reis, e, da mesma forma que na cruzada de Godofredo de Bouillon, foram os nobres e o povo os que ostentaram a belliosa romaria. A nova cruzada tinha a sua origem outra vez no sentimento religioso, ephemero como todos os sentimentos que não brotam de convicções profundas, e que são filhas simplesmente do enthusiasmo e da commoção.

O conde Thibaut de Champagne e Luiz de Blois tomaram a cruz, e logo os imitou a flor da nobreza de França; Geoffroy de Villehardouin, que havia de escrever depois com a penna ingenua e sincera do rude cavalleiro a historia da expedição, Simão de Montfort, etc.; a nobreza de Flandres acompanhava tambem o seu conde Balduino IX. Tratou-se porém de encontrar navios que os transportassem para a Asia, e os chefes da cruzada decidiram que se pedissem aos venezianos. Enviaram-se embaixadores á republica, senhora então dos mares, que enriquecera com as cruzadas, com o preço da passagem dos peregrinos, com o estabelecimento de feitorias no Oriente. Entre os embaixadores encarregados de tratar com a republica de Veneza, ia Villehardouin que nos deixou o testemunho da impressão profunda, que lhes causaram a elle e aos seus companheiros as formas então altamente democraticas d'esse Estado. Depois de tratarem com o doge Henrique Dandolo, um velho de noventa annos, e com os chefes da republica, tiveram de pedir o assentimento do povo reunido na vasta igreja de

S. Marcos. Debaixo das abobadas da magnifica igreja, os altivos barões do Occidente expozeram com humildade a sua supplica, e o povo respondeu-lhes com um bravo de aclamação. Veneza consentiu em se associar á campanha, e o proprio doge tomou a cruz para commandar a frota expedicionaria, mas a republica não olvidou os seus interesses, e exigiu pela passagem dos cruzados um preço tão consideravel, que bastou a ausencia d'alguns nobres, que embarcaram em outros portos contra o que se combinára, para que faltasse aos occidentaes o dinheiro necessario ao pagamento. Passava-se isto em 1202.

O chefe da cruzada era, por escolha de todos os fidalgos, Bonifacio marquez de Montferrat, irmão de Conrado, o heroico marquez de Tyro. Muito tempo estiveram os cruzados em Veneza, esperando recursos para pagarem a passagem, e os recursos não vinham, até que Dandolo lhes propoz pagarem a viagem com serviço corporal, ajudando a republica de Veneza a retomar Zara, que se tinha revoltado contra ella, e que pedira a protecção do rei da Hungria. Os cruzados acceitaram com jubilo esse modo de pagamento, que lhes offerecia a perspectiva d'uma opulenta conquista. Debalde o Papa os fulminou com a sua condemnação, dizendo-lhes que não deviam combater christãos, e ainda menos guerrear uma cidade, que estava sendo vassalla do rei da Hungria, o qual tambem tomara a cruz. Os cruzados ouviram com dôr, com respeito a leitura da carta pontifical, mas não desistiram do seu proposito. O enthusiasmo religioso já se evaporára, deixando após si a ambição do poder, a cubiça de riqueza, e a sede de aventuras. A esquadra partiu, sitiou e tomou Zara, que foi saqueada.

Innocencio III continuava a desapprovar altamente o procedimento dos cruzados, censurando a tomada de Zara, o saque de uma cidade christã, e a sua demora em partirem para a Palestina; foram baldadas essas advertencias. O papa tinha ainda prestigio bastante para que as suas excommunições lançassem o lucto e a tristeza sobre um reino, mas não podia já oppôr a sua authoridade á torrente da ambição. Os cruzados resolveram-se a passar o inverno em Zara, porque Dandolo lhes disse que não seria prudente arriscarem-se n'essa estação ás tempestades do Adriatico e aos perigos do mar Jonio, e entretanto sobrevinha um novo incidente que ia mais uma vez desviar os cruzados do caminho de Jerusalem.

Na deploravel decadencia em que ia o imperio grego de Byzancio, estavam sendo as revoluções de palacio as evoluções politicas mais frequentes. Andronico expulsára a dynastia dos Comnenos, Isaac o Anjo expulsára Andronico, e Alexis, irmão de Isaac, desthoronara-o, mandára lhe arrancar os olhos e prendera-o, e um filho de Isaac, chamado Alexis, como seu tio, só escapára pela fuga a um desastre semelhante.

Procurando para o seu infortunio protectores e vingadores no Occidente, o joven Alexis veio implorar o auxilio dos cruzados, e enterneceu-os com as suas lagrimas e com a narrativa das suas desgraças. A grande maioria dos occidentaes deixou-se além deslumbrar pelas seducções da Grecia, e, julgando-se sufficientemente salvaguardados contra a cólera do pontifice pela intenção que tinham de ampliar o dominio espirital da igreja romana, desferiram as velas no caminho de Constantinopla, e foram lançar ferro no porto de Santo Estevão, a tres leguas da cidade imperial. O aspecto maravilhoso de Constantinopla, embellezada por todas as magnificencias da natureza e da arte, encheu de enthusiasmo os cruzados, ao passo que a sua frota de 300 navios, en-

trando a plenas velas na esplendida enseada, apresentava aos Gregos tambem um espectáculo que lhes infundia a um tempo terror e admiração.

A 17 de julho de 1203 deu-se o assalto geral; os venezianos atacaram pelo lado do mar, os francezes por terra. Dandolo, o velho doge de Veneza, dirigia com rara intrepidez os ataques dos seus soldados. Foram elles os primeiros que occuparam uma torre de Constantinopla, os francezes tinham sido repellidos principalmente pelas machinas e pelo fogo grego, que os byzantinos, corpo a corpo, nem ousavam medir-se com os guerreiros occidentaes. N'esse momento supremo, comtudo, quando o estandarte de Veneza tremulava já n'uma das torres de Constantinopla quiz o usurpador Alexis fazer uma sortida, mas faltou-lhe a coragem, assim que se viu face a face com esses terriveis guerreiros, e fugiu a unhas de cavallo, abandonando a cidade e o imperio. Então a confusão chegou ao seu auge dentro dos muros da capital; muitos lisongeiros da victoria correram ao carcere onde estava encerrado o velho e cego Isaac, levaram-n'o para o palacio, rodeando-o de adulações, e logo uma deputação foi ao acampamento dos latinos procurar o joven Alexis para o conduzir ao throno que ia compartir com seu pae. Uma deputação dos cruzados, entre os quaes ia, como a voz eloquente dos francos o futuro historiador Villehardouin, sempre encarregado desde Veneza d'estas missões oratorias, foi pedir ao imperador Isaac a ratificação do tratado assignado em Zara por seu filho. As condições eram duras: pagar duzentos mil marcos de prata, sustentar o exercito dos cruzados durante um anno, cooperar activamente com elles na expedição da Terra Santa e entrar com o imperio no gremio do catholicismo! O que se podia comtudo negar aos vencedores? Isaac ratificou o convenio, e durante alguns dias foi tudo jubilo em Constantinopla e no acampamento dos cruzados. Estes escreveram ao Papa para se desculparem de ter desobedeccido ás suas ordens; Alexis escreveu-lhe tambem, e os guerreiros occidentaes saborearam as doçuras d'um esplendido verão nas frescas margens do Bosphoro, encantados pela suavidade das noites em que se espelhava o luar nas mansas aguas da enseada, e pela inefavel magia dos jardins de Galata e de Scutari.

Eis a breve historia d'essa cruzada até ao momento em que os latinos se apoderaram pela primeira vez de Constantinopla. Sae fóra do nosso quadro a historia do imperio que elles fundaram. Diremos apenas que representa a nossa gravura o conde Balduino, que foi depois o primeiro imperador d'esse ephemero imperio, guiando os seus soldados no assalto da antiga e esplendorosa Byzancio.

O rochedo de Héron

O rochedo, de que a nossa gravura só representa um canto, liga-se a uma cordilheira vasta e escarpada, tem setecentos a oitocentos pés de altura, e prolonga-se por uma extensão de perto de um quarto de legua. Domina duplamente o rio Ourthe que o banha, porque o obriga a fazer um vasto circuito, de forma que parece separar-o em partes distinctas. Por isso, visto da margem esquerda, offerece um espectáculo de grandissimo effeito.

O rochedo de Héron fica a pouca distancia da cidade de la Roche no Luxemburgo, cujo castello pittoresco os leitores do *Jornal do Domingo* já conhecem.

As margens do Ourthe estão semeadas de sitios semelhantes. O caminho de ferro já desflorou alguns, mas ainda ha centos d'elles onde a natureza conserva toda a sua potente e graciosa virgindade. P. C.

LEITURAS SOBRE A ANTIGUIDADE E A ARTE CLASSICAS

ATHENAS

O SECULO DE PERICLES

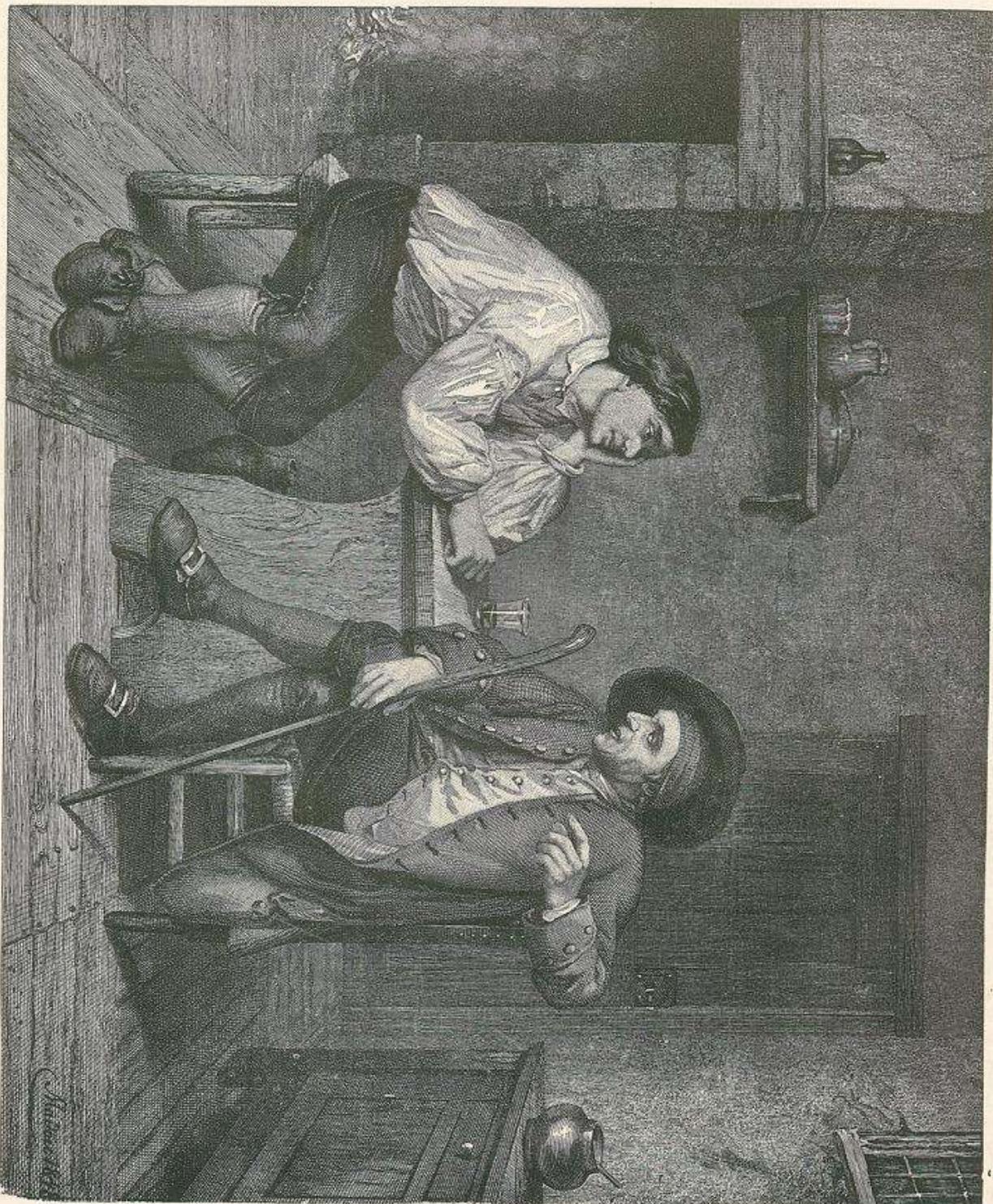
(Continuado da pag 38)

Ainda que a qualquer cidadão fosse licito expôr as suas ideias perante o povo, e a eloquencia não

Finalmente, facto original, a assembleia popular não possuia iniciativa propria, discutia apenas as leis e as questões, que lhe eram submettidas pelo presidente dos *prytaneos* depois de estudadas e preparadas pelo Senado.

Este Senado, chamado de *baixo* por opposição ao *Senado de cima* — o Areopago, constituia pois

xo; estes senadores recebiam individual e diariamente um drachma,¹ afim de que a pobreza não fosse impedimento para desempenho do cargo. Tinha este Senado egualmente attribuições religiosas, judicias e politicas; politicamente as suas funcções não eram activas, constituia elle, por assim dizer, uma grande commissão, onde se estudavam e pre-



UM BOM CONSELHEIRO

fosse rara em Athenas, dez cidadãos distinctos pelos seus subidos dotes eram escolhidos para oradores officiaes. A estes oradores cumpria discutir todas as questões elucidando e esclarecendo o povo, que sentado nas estensas bancadas de marmore provavelmente indifferente os deixava discretear, preferindo-lhes os seus oradores predilectos, os tribunos das facções, em que a assemblea se subdividia.

uma das principaes rodas d'este engenhoso mechanismo politico. As classes solonicas como artificio social tinham desaparecido, mas as differenças ethnographicas e as origens historicas haviam tenazmente conservado as dez tribus primitivas, em que se subdividia a população atheniense. Cada uma d'estas tribus annualmente tirava á sorte 50 cidadãos, os 500 resultantes formavam o Senado de bai-

paravam os negocios, que deviam ser apresentados á sancção das assembleias populares; para este effeito recebia em primeiro logar os embaixadores, revia e preparava as leis cuja iniciativa, aliás, como ultimo privilegio politico dos archontes, pertencia aos *thesmoteles*.

¹ Cerca de 180 réis.

As dez turmas funcionavam durante a decima parte do anno, formando durante este periodo denominado *prytania*, uma comissão permanente, que residia em um edificio especial—o *prytaneo*. Era ao presidente d'este collegio, a quem competia convocar as assembleias populares periodicas ou ex-

mente era apresentada ao povo, que d'entre si nomeava uma numerosa comissão para novamente a estudar antes de ser discutida em assembleia publica.

Na antiguidade classica o bello principio da divisão dos poderes, que na moderna mechanica social

rém, d'algumas podemos dizer: tal era o poder legislativo da Republica d'Athenas.

O poder executivo, permitta-se-nos o anachronismo, que outr'ora conjuntamente com as funções magestaticas se encarnava no archontado, quando a soberania tão profundamente se enraizou nas assem-



BALDUINO DE FLANDRES NA TOMADA DE CONSTANTINOPOLA

traordinarias, e apresentar-lhe as questões já estudadas pelo Senado. Assim os *thesmoteles*, quando julgavam opportuna a proposição, a alteração, e a revogação de uma lei, faziam a proposta ao Senado, que depois de discutir maduramente o assumpto a approvava ou regeitava; no primeiro caso unica-

se pôde denominar o da coexistencia e da independencia dos poderes publicos, não foi conhecido pelos maiores philosophos, um grande homem apenas, Cicerão, o presentiu já na decadencia do classicismo; por isso as magistraturas e as corporações athenienses possuíam attribuições communs; se abstrairmos, po-

bleias populares, não podia deixar de emigrar para funcionarios eleitos pelo povo e de sua confiança.

Foram os *estrateges* que preencheram esta importantissima função social. Eleitos annualmente pela assembleia dos cidadãos em numero de dez, um por cada tribu, os *estrateges* eram os chefes militares

da tribu e os generaes da republica; e como na antiguidade classica existisse perfeita identidade entre a nação e o exercito, entre o cidadão e o soldado, comprehende-se a importancia politica d'estes magistrados, em que se tinham concentrado as attribuições executivas correspondentes aos variados ramos da administração publica. Indefinidamente reeligiveis e possuindo além de tudo o importantissimo direito, como os *thesmoteles*, de convocarem as assembleias dos cidadãos, podiam contudo ser revocados pelo povo; sobre elles, mais do que sobre outrem, pesava a brutalidade das massas, quando lhes soava a hora da decadencia sempre imminente e sempre rapida. Então a sua omnipotencia em um momento pulverisava-se entre os fortes dedos do gigante popular.

Se o cargo era na verdade bello, não deixava contudo de ser perigoso. De perfeita confiança popular (e sabe-se quanto ella é ephemera e variavel!) na paz e na guerra as attentões constantemente convergiam sobre os estraterges; no seio da turba que enchia o Pnice, os olhos das facções adversas, como as do tigre espiando a presa, espreitavam ardentes e fixos a occasião propicia para os fulminar. Elevados ao fastigio do poder, inebriados pela popularidade, filtro subtil tão grato à vaidade humana, gozando aquella brilhante auctoridade, que o povo concede aos seus predilectos, quando n'elles abdica a sua força e a sua energica vontade, bastava apenas que um momento de desconfiança os fizesse vacillar na opinião, para que sobre as suas cabeças, como a espada de Damocles suspensa por um cabelo, pendesse o *ostracismo*, o exilio politico por dez annos.

Os maiores homens da republica o tinham soffrido. Milciades, o vencedor da primeira invasão asiatica nos campos de Marathona, Themistocles, o heróe de Salamina, o grande homem que, entrando um dia no vasto estadio d'Olympia, onde de quatro em quatro annos se agglomerava a flor de toda a Grecia, fôra entusiasticamente saudado como o seu salvador, Cimon, valente e tão liberal que mandára arrancar as divisorias das propriedades, a fim de que os cidadãos pobres as considerassem como suas, Aristides, o justo, cheio de virtudes particulares e civicas, exilados uns após outros tinham arrastado em paiz estranho a saudade da patria, amargurada ainda pela ingratidão dos seus; para isto bastára tão sómente que o povo desconfiado considerasse a grandeza dos heróes um perigo para a democracia, e que 6000 cidadãos, escrevendo os seus nomes sobre uma concha, a fossem desdenhosamente lançar sobre os degraus d'essa mesma tribuna, que elles haviam illustrado com a eloquencia e honrado com o civismo.

Foi sobre esta areia movediça que Pericles elevou o edificio da sua grandeza, e por isso a sua merecida popularidade não foi isenta de perigos; por um momento tambem o ataque de um demagogo audaz e eloquente teve suspenso o *ostracismo* sobre a cabeça já encanecida do famoso tribuno; e todavia, o povo devia-lhe a liberdade, e a patria a grandeza politica e o logar subido que Athenas conservará sempre no pantheon da arte.

August. Fuschini

ROSICLER

EGOISMO

Falla ainda!... a tua voz é como a lyra
Que eu ouço quando sonho na ventura,
E' um raio de luz!... tão pouco dura
Uma visão de amor que nos inspira...

Como a queixa sentida que se atira
Aos echos da recondita espessura:
Assim é tua voz: tão doce, e pura,
Talvez fosse a dos anjos, se os ouvira...

Chora ainda!... a tua dor é o meu encanto!
Delicio-me ao ver como o luar
Te faz brilhar nas palpebras o pranto...

Se tu és tão formosa a soluçar!...
Não me escondas o rosto no teu manto,
Dize ainda que me amas... a chorar.

Cypriano Jardim

O NOSSO BRINDE

A esplendida gravura que distribuimos em brinde aos nossos assignantes é uma das mais bellas obras do lapis habilissimo de Gustavo Doré, e representa uma d'essas grandes scenas do mundo maravilhoso do christianismo, que tem sabido inspirar aos artistas as suas mais perfectas obras primas.

A *Queda dos Anjos* é o titulo em primeiro logar de um fresco maravilhoso de Spinello, grande pintor toscano, fresco de que infelizmente só se conserva um fragmento. Liga-se a esse fresco uma lenda singular. Parece que pintara Lucifer por tal forma hediondo que o demonio, que zela até certo ponto os seus creditos de *petit-crevé*, appareceu em sonhos a Spinello a pedir-lhe contas do modo como o pintara. Spinello aterrou-se tanto com a sinistra visão que enlouqueceu e morreu pouco depois.

Fram Florins, pintor hollandez, fez tambem uma *Queda dos Anjos*, que figura no musen de Anvers. Esta composição é a que mais se approxima da de Gustavo Doré. O quadro divide-se em duas zonas: no centro da zona superior vê-se o archanjo Miguel, armado do gladio flammejante e com a cabeça cingida de uma aureola dourada, fulminando o chefe dos anjos rebeldes, Lucifer, que tomou a forma de um dragão coroado. Ao pé de S. Miguel veem-se outros anjos armados de lanças e de espadas, que põem em derrota a turba dos demonios. Estes defendem-se com raiva, caem confusamente do alto do céu, e contrastam, pelas suas attitudes extravagantes, pelas suas formas monstruosas, com os anjos formosissimos que pairam nas alturas do Emyreo.

Breughel, Lebrun, Fintoretto e outros ainda menos celebres trataram o magnifico assumpto; Gustavo Doré emfim veio com o seu lapis admiravel traçar uma pagina sublime das grandes concepções religiosas da humanidade; caem os anjos rebeldes do alto dos ceus, alguns transformaram-se já nos animaes hediondos, incarnação e symbolo do mal, outros conservam-se ainda bellos e tristes, com a expressão do desespero na fronte fulminada e orgulhosa, e o bello anjo cahido, o anjo que hade seduzir Eloa, contempla com a profunda melancolia, cujo segredo só Milton e Thereza de Jesus souberam sondar e comprehender a ruina de todas as suas ambições e de todas as suas esperanças.

Mas a attenção toda do espectador concentra-se n'uma admiravel figura luminosa, de brancas azas, de ineflavel candura, que severa e serena, empunhando na mão um facho de raios, fulmina com elles o exercito rebelde. Bate a luz em cheio n'essa figura magnifica, e o contraste de sua branca figura com as sombras que se agglomeram no fundo do quadro produz esse effeito maravilhoso que Rembrandt sabia arrancar das suas combinações de claro-escuro, e que são tambem um dos segredos da maneira de Gustavo Doré, o Rembrandt da gravura moderna.

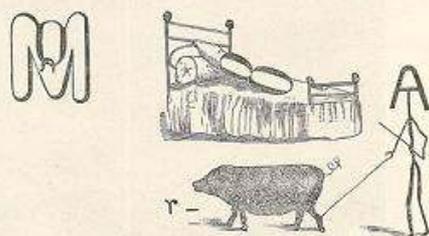
Parece-nos que o nosso brinde é um dos mais bri-

lhantes que podiam imaginar-se. Damos aos nossos assignantes uma verdadeira obra prima, um d'estes quadros de mestre que tem o seu logar marcado nas galerias mais ricas, e mais primorosas. Quadros de Meissonnier, ou de Corot, de Munkaczky ou de Palmarioli, estatuas de Falguière ou de Monteverde, gravuras de Gustavo Doré são as joias das modernas collecções artisticas. Ora, entre essas joias de Doré, a *Queda dos Anjos* occupa decerto um logar preeminente, e é essa que nós offerecemos aos nossos assignantes.

P. C.

HORAS DE OCIO

Enigma pittoresco



Palavras quadradas

Offerecidas á distincta charadista Carmelita

Magistrado oriental,
De hem pequena estatura,
Esposa, virgem e mãe,
Maravilha da natura.

HAMLET.

*

Embrulhada geographico-historica

Uma cidade da Asia,
Um monte da Africa,
Um cabo da Europa,
Um rio da Asia,
Um rio da Africa,

Formar com as iniciaes o nome d'um philosopho inglez, com as finaes o nome de um rei da Persia.

GUALDIM ZORCASTRO.

*

Soluções dos prolemas do n.º 3

Charadas novissimas.— 1.º Lagoa, 2.º Remido.
Logogripho.— Carochio.

Soluções certas

Charadas novissimas.— Hamlet (Merceana), Caçador de Savana (Elvas), Pedro José Calhancas (Elvas), Hamlet (Merceana), A. Marques Guedes (Vizeu), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Carmelita, Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Acertei? (Loulé), Abilio Cordeiro, Nadege (Coimbra), Benedicta Barros (Setubal), Annibal Cardoso.

Logogripho.— Hamlet (Merceana), Caçador de Savana (Elvas), Redro José Calhancas (Elvas), Vichnu: Hamlet (Merceana), A. Marques Guedes (Vizeu), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Carmelita, Acertei? (Loulé), Abilio Cordeiro, Annibal Cardoso, Edipo.

Resposta a pergunta philologica

Sr. redactor:

Vi a pergunta que Eurico dirigio aos assignantes do seu jornal, e apresso me a responder-lhe, referindo o que a esse respeito voga no Alemtejo. Não sei se a explicação será satisfactoria, mas em todo o caso ella ahí vae, e mais cedo teria ido, se mais cedo tivesse conhecido a pergunta. Não era porém assignante do seu jornal, e foi um amigo meu que um dia d'estes me mostrou a carta de Eurico.

Pergunta elle qual será a origem d'esta locução: *Vai para os quintos dos infernos.*

Vou responder: *Quintos* é uma povoação do Alemtejo, situada muito perto da fronteira de Hespanha, e que era em tempos para estes lados a ultima povoação de Portugal. Quando se queria mandar alguém para o inferno, havia um modo cortez e catholico de lh'o dizer: Sabes que mais? Vai para os *Quintos*. Naturalmente a locução ficou, e depois quando a situação pedia uma phrase enérgica, juntava-se a locução clara com a locução metaphorica, e dizia-se: *Vai para os Quintos dos infernos.*

Será exacta esta explicação? Não posso affirmal-o; e certo que assim se explica por aqui, e V. no seu elevado criterio dirá se bem se mal.

Beja 26 de março de 1882.

Sou etc.

Z.

A SENHORA DE NIORT

COMEDIA BURLESCA

PERSONAGENS

A SENHORA DE NIORT..... 30 a 40 annos
 A RAPARIGA DO ESTABELECIMENTO: idade indeterminada
 UM ENCARREGADO } personagens mudos e invisiveis } 27 annos
 UM TRANSEUNTE } } 46 annos

PARIS — 1881

O theatro representa, tanto quanto for possível, a casa d'um photographo.

SCENA PRIMEIRA

A rapariga do estabelecimento

A RAPARIGA, só. — Quatro horas!... e ainda não fiz nenhum negocio! E' inacreditavel. (*Aproxima-se d'uma porta á esquerda.*) E comtudo, quantos imbecis estão passando em frente d'esta porta! E não haverá um unico que nos dê a preferencia? Vingome no primeiro freguez que me caia debaixo das mãos! Este sujeito que pára tem cara de boa pessoa... (*A um transeunte: No limiar d'uma porta á esquerda.*) Se o sr. quer entrar?... Temos um completo sortimento d'artistas dramaticos, de criminosos, de homens politicos... de mulheres do mundo... de... Vae-se embora! Que querem então todos estes animaes? Decididamente o commercio está morto. Oh! esta bella senhora! Será provinciana ou estrangeira? Devora com o olhar os objectos expostos... consulta a sua carteira... Hesita... Mas entra! entra!... Será preciso mandar-te embaixadores para que te resolvas?... Aproxima-se... eil-a! Ah! vaes-me pagar bem caro o desespero com que estou ha uma hora. (*Risonha e diligente.*) Quer ter a bondade de se sentar?

SCENA II

A rapariga do estabelecimento, e a senhora de Niort

A SENHORA DE NIORT. — Minha menina, eu li na taboleta d'esta casa que aqui ha tudo que diz respeito a retratos.

A RAPARIGA. — E' verdade, minha senhora. O retrato é a especialidade da nossa casa. Retratos redondos, retratos quadrados, retratos ovaes, em pé ou em miniatura, a oleo, a aguarella... a cavallo...

retratos já feitos ou por medida... São photographias que a senhora deseja?

A SENHORA DE NIORT. — Ainda não decidi.

A RAPARIGA. — Temos tudo que ha de mais moderno. São actores que deseja vêr?

A SENHORA DE NIORT. — Não, menina.

A RAPARIGA. — Militares, talvez?... Ha um certo tempo que os militares estão sendo muito procurados.

A SENHORA DE NIORT. — Não, não, não, menina. Era o meu retrato que desejava ter.

A RAPARIGA. — Se a senhora tem a mais pequenina ponta de celebridade, se os jornaes têm fallado de si ou a bem ou a mal, se algum processo escandaloso, alguma aventura perigosa a pozeram em evidencia, está feito o negocio....

A SENHORA DE NIORT. — Menina, eu vivo em Niort...

A RAPARIGA. — Oh! então é muito diferente.

A SENHORA DE NIORT. — Eu queria levar a meu marido alguma cousa de Paris. Lembrei-me de que o meu retrato...

A RAPARIGA. — Não poderia ser-lhe mais agradável. Teve uma excellente ideia, minha senhora. E ainda se demora aqui algum tempo?

A SENHORA DE NIORT. — Parto amanhã, desgrazadamente!

A RAPARIGA. — Então, é uma photographia que deseja?

A SENHORA DE NIORT. — A photographia é sempre a mesma cousa. Todas as photographias se parecem. Estão muito vistas em Niort!

A RAPARIGA. — A senhora prefere a oleo?

A SENHORA DE NIORT. — E' mais sério.

A RAPARIGA. — E' mais alegre, ás vezes. O que é pena é que se não tenha lembrado mais cedo. N'uma noite não se faz nada em terminos. Encontra pintores que lhe dizem a tudo que sim, mas nenhum artista consciencioso se encarregará d'um bom retrato a oleo, solidamente pintado, sem retoques, n'uma noite apenas. A senhora pôde procurar em todos os nossos collegas...

A SENHORA DE NIORT. — Valha-me Deus!... O que me diz contraria-me bastante.

A RAPARIGA. — Se a senhora quer comtudo dizer-me o que deseja, talvez se possa arranjar alguma cousa.

A SENHORA DE NIORT. — Naturalmente, queria uma cousa bonita.

A RAPARIGA. — Vamos a simplificar o negocio. Seguindo vejo a senhora não se importa muito com a semelhança.

A SENHORA DE NIORT. — Conforme. Ora diga-me... quanto custa um retrato muito parecido?

A RAPARIGA. — Não tem limite.

A SENHORA DE NIORT. — Assusta-me!

A RAPARIGA. — Comtudo, para a provincia, podemos fazer alguma cousa bastante parecido por cem ou cento e cincoenta francos.

A SENHORA DE NIORT levanta-se, vivamente. — Cemto e cincoenta francos!... Deus de misericordia!... Mas é muitissimo mais do que eu pensava. Decididamente, menina, é muito caro.

(Dirige-se para a porta).

A RAPARIGA, não a deixando sair. — E porque motivo não se hade a senhora contentar apenas com um ar de familia? Faz-se o negocio por metade do preço.

A SENHORA DE NIORT. — E' para meu marido...

A RAPARIGA. — Razão de mais. Sabe bem como a senhora é...

A SENHORA DE NIORT. — Certamente.

A RAPARIGA. — Um retrato não lhe pode ir dizer nada de novo.

A SENHORA DE NIORT. — A menina tem razão.

A RAPARIGA. — Por isso não tem necessidade de ser tão parecido para elle como para um estranho.

A SENHORA DE NIORT. — Sou de sua opinião.

A RAPARIGA. — E depois, o que é que se procura n'estas cousas? É a intenção. Desde o momento que teve a intenção de lhe ser agradável, isso é o principal.

A SENHORA DE NIORT. — Oh!... Comtudo... comtudo...

A RAPARIGA. — É a sua lembrança que o hade comover.

A SENHORA DE NIORT. — Pois bem! Vá com ar de familia.

(Torna se a sentar).

A RAPARIGA. — Deseja com as mãos?

A SENHORA DE NIORT. — Passo em Niort por ter mãos rasgaveis. Esta, sobre tudo. É um dos meus pequeninos triumphos, e meu marido não é a isto insensivel. Gostava mais que se vissem as mãos.

A RAPARIGA. — As duas?

A SENHORA DE NIORT. — Depende de preço?

A RAPARIGA. — É preciso contar tres francos por cada dedo.

(Continua).

O DOMINGO HISTORICO

2 de abril de 1822 — Nascimento de Rebello da Silva

Luiz Augusto Rebello da Silva, distincto escriptor, estadista e orador do seculo actual, nasceu em Lisboa, sendo filho de Luiz Antonio Rebello da Silva, um dos deputados ás côrtes constituintes de 1821.

Logo que teve a idade propria foi mandado estudar humanidades, mas, como elle mesmo depois o confessava, distinguia-se entre todos os condiscipulos pela sua constante e invejavel preguiça e o mesmo lhe succedeu na universidade onde frequentou o 1.º anno de mathematica e de philosophia. Essa decidida repugnancia para os estudos regulares das escolas e uma grave enfermidade, que o teve quasi na sepultura, levaram-no a recolher a Lisboa e a deixar o curso que havia encetado.

Anteriormente porém, quando tinha apenas desesete annos, fazendo parte da Sociedade Escolastica Philomatica, que alguns mancebos d'essa epocha haviam fundado n'uma casa da rua da Atalaya, Rebello da Silva mostrara certo amor ás letras, já discursando nas reuniões da sociedade, já publicando no jornal, por ella fundado, alguns esaios de contos e romances entre os quaes se nota a *Tomada de Ceuta*.

Restabelecido da enfermidade que o accommettera, e animado por Alexandre Herculano, dedicou-se exclusivamente ás letras e depois de escrever os romances *Raasso por homizio* e *Odio velho não cança*, e de ter fundado os jornaes *Epoca* e *Imprensa*, apresentou ao publico o excellente e conhecidissimo romance *Mocidade de D. João V*.

Não se limitaram porem ao genero romantico as composições de Rebello da Silva, e o eminente escriptor depois de ter já um nome respeitavel nas letras consagrou-se a estudos mais graves e serios e publicou cinco volumes da *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, continuando ao mesmo tempo o *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas*

de Portugal, principado pelo visconde de Santarem e do qual coordenou sete volumes todos precedidos de magnificas introduções.

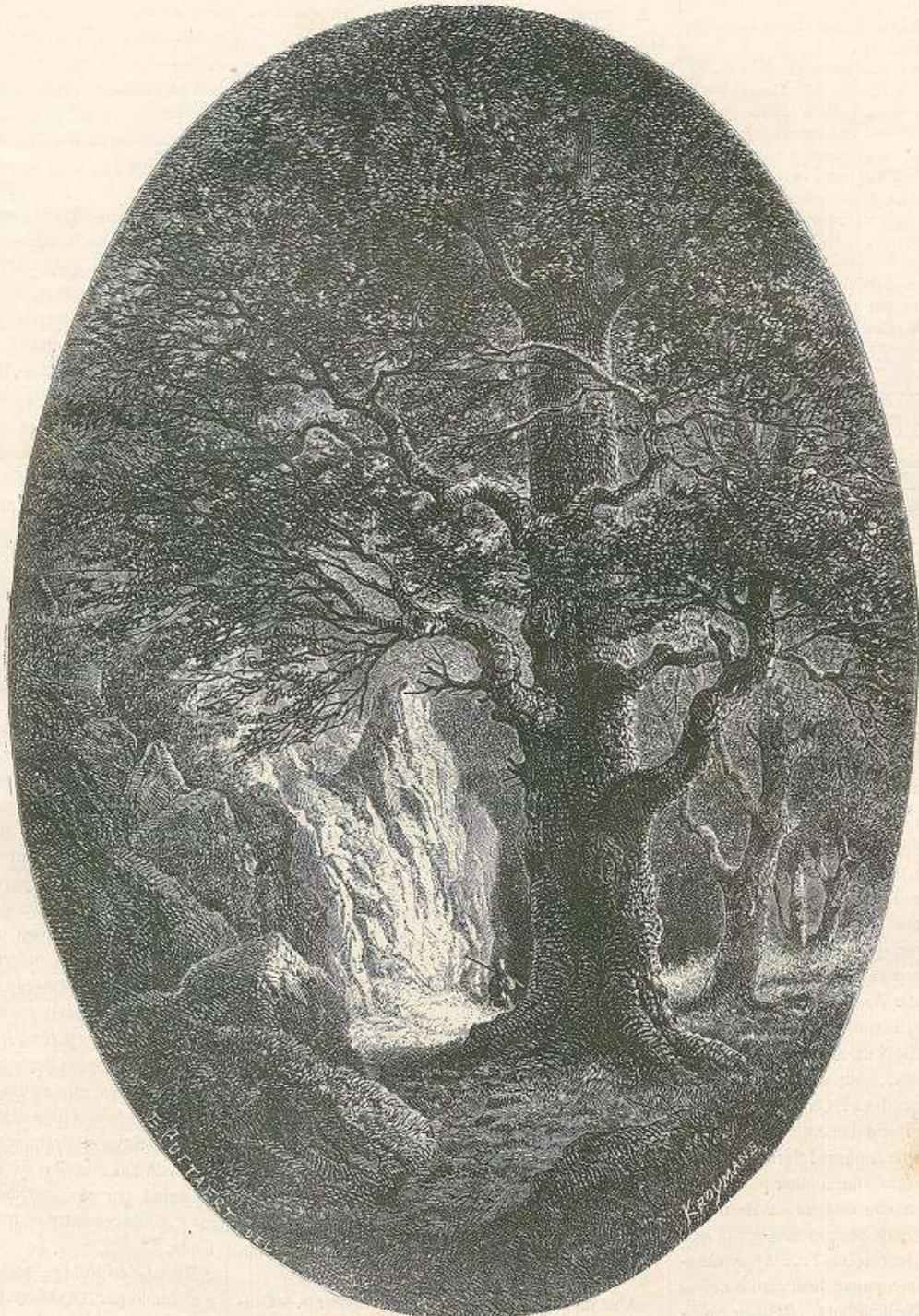
Entrando na camara dos deputados em 1848, apesar de lhe faltarem os dotes physicos d'orador, em breve conquistou um logar distincto ao lado de José Estevão, de Garret, de Rodrigo da Fonseca, de Passos Manoel e pela sua eloquencia conseguiu, sempre

que tomava a palavra, dominar completamente o auditorio.

Elevado ao pariato, em 1862, continuou na camara alta a serie de triumphos, que alcançara na outra casa do parlamento e sendo em agosto de 1869 encarregado da pasta da marinha e ultramar, comquanto fosse curto o periodo do seu governo, deixou o seu nome vinculado a grandes e importantissimas

reformas, que emprehendeu para melhorar a organização e estado das nossas provincias ultramarinas.

Estes e outros trabalhos, pelos quaes se repartia a sua vasta intelligencia, quebrantaram-lhe as forças quando pela idade promettia larga vida, e ao cabo de longo e cruel padecimento falleceu a 19 de setembro de 1871, na casa em que residia na rua da Escola Polytechnica d'esta cidade. A. O.



O ROCHEDO DE HÉRON

CORRESPONDENCIA

Botão de Rosa — Emquanto ao modo de obter o que deseja, queira entender-se com a administração d'este jornal. Emquanto ás queixas que formula, a mesma administração que as julgue e satisfaça. Vamos passar lhe para lá a sua carta e ella dará conta de si.

A respeito das coisas que nos envia, entrarão quando fôr possível, mas não serão esquecidas, póde crê-lo, nobre e fragrante correspondente.

EXPEDIENTE

A subscrição aberta n'este jornal em favor do Gaspar da viola, produziu 73650 réis que entregámos ao digno fiscal do Hospital de S. José, o sr. Ricardo Dias Henriques, como se vê no recibo que abaixo segue.

A todas as pessoas que nos coadjuvaram no empenho de minorarmos a sorte d'aquelle infeliz, agradecemos o favor das suas esmolas.

Recebi da administração do *Jornal do Domingo*, a

quantia de sete mil seiscentos e cincoenta réis, importancia da subscrição aberta no mesmo jornal em favor do Gaspar da viola, doente no Hospital de S. José. Lisboa, 30 de março de 1882.

(assignado) *Ricardo Dias Henriques*

A ADMINISTRAÇÃO